

AS CONVERSÇÕES E A NARRATIVIZÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO ENTRE ADOLESCENTES

CONVERSATIONS AND NARRATIVIZATION OF PSYCHOLOGICAL SUFFERING AMONG
ADOLESCENTS

Vlória Jamile dos Santos Jucá¹
Dejany Natalia Sousa Barros²
Rachel Martins Lemos³

Resumo

O presente artigo discute o método das Conversações em sua dimensão ético política na narrativização do sofrimento psíquico entre adolescentes a partir de uma pesquisa-intervenção realizada com jovens de uma escola de ensino médio situada na periferia de Fortaleza. As Conversações se configuram como uma metodologia de trabalho desenvolvida a partir da psicanálise, muito utilizada no trabalho com jovens em contextos escolares. Seu objetivo é propiciar um espaço para a elaboração do mal-estar que desponta como impasse no laço social. As Conversações aconteceram no segundo semestre de 2019, no contraturno das aulas, e contaram com um coletivo de oito adolescentes. A experiência atestou a potência das Conversações enquanto um caminho para a narrativização do sofrimento psíquico na sua dimensão sociopolítica. Os adolescentes, ao transpor em palavras seu mal-estar, transitaram entre as experiências compartilhadas e a subjetivação daquilo que lhes é singular. O sofrimento psíquico foi associado pelas adolescentes às dificuldades familiares, aos lutos vividos e a violência presente no território onde habitam.

Palavras-chave: Adolescência; Psicanálise; Conversações; Narrativização; Sofrimento Psíquico.

Abstract

This article discusses the method of Conversations in its ethical-political dimension. It was used for the narrativization of psychological distress among adolescents. The intervention research was carried out with young people from a high school located in Fortaleza. Conversations are configured as a work methodology developed from psychoanalysis, widely used in working with young people in school contexts. Its objective is to provide a space for the elaboration of malaise that emerges as an impasse in the social bond. The Conversations took place in the second semester of 2019 and had a group of eight teenagers. The experience attested the power of Conversations as a way to narrate the psychological suffering in its socio-political dimension. The adolescents, when translating their malaise into words, moved between shared experiences and the subjectification of what is unique to them. Psychological suffering was associated by adolescents with family difficulties, experienced mourning and the violence present in the territory where they live.

Keywords: Adolescence, Psychoanalysis; Conversations; Narrativization; Psychic Suffering.

¹ Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Endereço para correspondência: Rua Coronel Linhares, 2400. Ap.102 do Bloco Ana Cristina. Bairro Dionísio Torres. Fortaleza-CE. CEP: 60170-241. BRASIL. E-mail: vladiajuca@gmail.com .ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2416-7342> .

² Universidade Federal do Ceará, BRASIL. E-mail: nataliasbarros5@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3774-9555>.

³ Universidade Federal do Ceará, BRASIL. E-mail: rachel.lemos25@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6997-823>

O artigo discutirá, a partir de uma pesquisa-intervenção realizada com jovens de uma escola de ensino médio situada na periferia de Fortaleza, o método das conversações em sua dimensão ético-política, sobretudo, em sua contribuição para uma política da narrativa compromissada com a inclusão social.

O método das conversações, utilizado na pesquisa-intervenção com adolescentes, trabalha na direção de fazer com que os jovens integrantes de um coletivo organizado em torno de um tema, tomem a palavra e falem sobre si próprios. Trata-se de criar um espaço fértil para o deslocamento de uma posição primeira, através da qual os jovens comumente são falados, para uma posição onde seja possível tecer outros saberes sobre si.

Quando apontamos a condição de serem comumente falados, queremos ressaltar a posição na qual tais jovens são colocados por discursos vários que incidem no campo social, ofertando identificações nas quais os jovens podem ficar cristalizados, tais como: moradores da periferia, portadores dos transtornos *prêt-à-porter* da nosologia psiquiátrica ou representantes das questões identitárias referentes à etnia, gênero e orientação sexual. Esse último campo discursivo – o das questões identitárias – trazem consigo o potencial de reverter lugares historicamente determinados e excludentes, mas incorrem também no risco de fomentar outros imaginários e criar outras cristalizações.

As conversações, enquanto política da narrativa, inserem-se na perspectiva da psicanálise implicada (Rosa, 2018; Guerra, Benfica, 2020) que parte do pressuposto da indissociabilidade entre o psiquismo e o campo sociopolítico. Considera-se, na referida perspectiva, que: “as teorizações sobre desejo e gozo incluem o modo como os sujeitos são capturados e enredados na máquina no poder, de modo que algumas vezes tenham suspenso seu lugar discursivo” (Rosa, 2018, p.28-29).

A ideia segundo a qual sujeitos enredados por dispositivos de poder têm subtraído o seu lugar discursivo é central para se pensar em uma política da narrativa a partir das conversações, posto que se trata de romper o silenciamento e fazer falar os próprios sujeitos para que não fiquem reféns dos significantes que, ao serem introjetados, reduzem e congelam subjetividades. O convite para que contem suas histórias e encontrem outras formas de dizer acerca do mal-estar que lhes acomete, através das Conversações, é um modo de resistir a processos dessubjetivantes, em especial, quando se trata de juventudes marcadas por processos de exclusão social, para as quais a onda medicalizante facilmente se enlaça com o discurso jurídico e midiático que as criminaliza.

Em um cenário caracterizado pelas alianças entre o capitalismo avançado, o neoliberalismo e a tecnociência, faz-se necessário resistir aos efeitos dessubjetivantes de práticas políticas e científicas silenciadoras e investir em tecnologias de cuidado, no campo da saúde mental, que resistam aos discursos através dos quais se estabelece um tipo de laço social no qual o sujeito é reduzido ora à condição de consumidor ora à condição de objeto.

A seguir, o método das conversações será mais detalhado, bem como o trabalho com ele realizado na escola pública onde foi realizada a pesquisa-intervenção em saúde mental. Os resultados das conversações realizadas – em particular, os deslocamentos narrativos em torno do sofrimento psíquico e a dimensão sociopolítica desse sofrimento – serão discutidos a fim que possamos melhor perceber os efeitos de um método cuja política narrativa se centra fundamentalmente no fazer falar como modo de resistir a dois processos dessubjetivantes que se superpõem, o da exclusão social e o do discurso neoliberal.

O MÉTODO DA CONVERSAÇÃO

Inicialmente utilizadas como método para construção de casos clínicos no campo psicanalítico, as conversações passaram a ser utilizadas em contextos escolares, diante de situações vivenciadas como um impasse, perante as quais parecia não haver saída (Cunha & Lima, 2013; Coutinho, 2013; Neves, 2014; Pereira, 2014; Klautau, 2017). A partir da situação apresentada como problema, ofertava-se um espaço para que a palavra circulasse, seguindo os moldes da associação livre, a fim de que os implicados pudessem construir um saber em torno do mal-estar subjacente às relações na escola (Miranda, Vasconcelos & Santiago, 2006).

O saber construído nas conversações se produz mediante a oferta de uma escuta qualificada, norteadas pela ética da psicanálise. É a sustentação de uma escuta flutuante, mas não desinteressada, que permite a construção de um saber acerca do mal-estar presente no laço social o qual, ao ser narrativizado, pode ser subjetivado enquanto sofrimento psíquico (Dunker, 2015).

O trabalho utilizado aqui para refletir sobre a política da narrativa presente nas conversações foi realizado durante o segundo semestre de 2019 e surgiu a partir de uma demanda dos técnicos e estudantes de uma escola de ensino médio da rede pública de Fortaleza para que, realizássemos, enquanto extensão, alguma ação voltada para o cuidado em saúde mental. A demanda se justificava pelas recorrências com a qual os estudantes apresentavam manifestações de sofrimento psíquico, as quais nos foram relatadas como “crises de ansiedade”, “depressão”, “adolescentes que se cortam”, “uso de drogas”.

Apesar da linguagem utilizada nos remeter aos transtornos, como codificados pela nosologia vigente, optamos por trabalhar com a categoria de sofrimento psíquico que:

[...] localiza-se de modo intermediário entre, por um lado, os sintomas e sua regularidade clínica e, por outro lado, o mal-estar e suas conflitivas existenciais. Nem todo sintoma nos faz sofrer e, nem toda forma de sofrimento é um sintoma. Determinar qual sofrimento é legítimo e qual não é, portanto, é uma questão não apenas clínica, mas também política. (Safatle, Silva Júnior & Dunker, 2020).

Propusemos, assim, realizar oito encontros de conversação, com o objetivo de instituir um espaço destinado à livre circulação de ideias sobre as questões atreladas ao sofrimento psíquico e as estratégias para seu enfrentamento. Geralmente o número de conversações gira em torno de doze, mas com frequência encontramos trabalhos realizados com um menor número de encontros. No nosso caso, a quantidade se definiu em função do calendário escolar (um semestre com um encontro a cada semana, tirando os feriados, dias de gincanas e outros eventos na escola). Apostamos no protagonismo juvenil tanto em termos da produção de saber por parte dos adolescentes acerca do seu mal-estar quanto na invenção e compartilhamento das estratégias de cuidado.

Após os primeiros contatos com a direção e a coordenação, fomos apresentadas ao grupo de cinco adolescentes que haviam manifestado anteriormente interesse em realizar ações em saúde mental na escola junto à gestão da mesma. Um detalhe importante: havíamos pensado em chamar o espaço das conversações de “Conta Comigo”. As adolescentes, nossas interlocutoras na construção do trabalho, não aprovaram o nome porque achavam que o mesmo estabelecia uma hierarquia entre quem precisava de ajuda e quem a ofertava a partir da extensão universitária. Elas então propuseram o “Sobre Nós: Conversas sobre Saúde Mental e Adolescência”, pois como argumentaram, trata-se de uma situação que a todos afeta e é no “entre” que as alternativas se constroem. Podemos dizer que, antes mesmo de iniciarmos as conversações, as adolescentes, já haviam demarcado um horizonte ético

para o trabalho muito afinado com a perspectiva metodológica adotada, posto que nas conversações, a aposta incide justo naquilo que se constrói entre os sujeitos que compõem o coletivo. Por isso, fala-se da associação livre coletivizada (Miller, 2003). Esta, mais do que uma ética, deve ser tomada como princípio ético para realização das conversações.

Com esse grupo menor de adolescentes, que nos acolheu na escola, construímos e realizamos o convite em todas as salas do turno matutino, pois o grupo estava programado para acontecer no início da tarde. Foi realizada uma inscrição das pessoas interessadas e, por fim, oito adolescentes participaram do grupo de conversação, havendo apenas uma desistência durante o trabalho. Das oito adolescentes, três pertenciam ao grupo primeiro com o qual estabelecemos contato ao chegar na escola. As outras duas jovens do grupo original não puderam estar conosco por questões logísticas relativas ao permanecer no início do contraturno na escola. O projeto foi submetido à Plataforma Brasil, apreciada por um Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado (CAAE 26217319.3.0000.5054). As adolescentes assinaram um termo de assentimento e seus responsáveis, o de consentimento.

Desde os nossos primeiros contatos com as adolescentes, apresentamos as conversações com um meio de condução dos nossos encontros, compatível com a realização de outras ações que de saúde mental na escola que o coletivo considerasse pertinente durante o tempo de trabalho conjunto. Ao todo, foram seis encontros de conversação, sendo que o primeiro movimento foi, a partir da escuta das adolescentes que já realizavam o movimento de pautar a saúde mental como uma questão a ser trabalhada, a realização de oficinas de cartazes contra a homofobia na escola, por elas consideradas como um importante elemento atrelado ao sofrimento psíquico. O tempo da confecção dos cartazes, em uma leitura realizada a posteriori, parece-nos ter funcionado como um primeiro tempo de aproximação, um primeiro passo na construção de uma relação de confiança, fundamental para a livre circulação de afetos e de ideias que aconteceram durante as conversações. Veremos, no decorrer do artigo, que outras ações também foram realizadas durante nossa estadia na escola, sobretudo, em momentos nos quais a perda de colegas e de amigos em função da violência urbana suscitaram pontualmente a criação de espaços-tempos para legitimação e elaboração das perdas vividas.

Cada conversação teve duração média de uma hora e meia a duas horas e o trabalho era realizado com a oferta de um espaço no qual elas podiam tratar livremente do sofrimento psíquico sem restrições de temas pré-definidos, não obstante tivéssemos o limite dado pela quantidade de encontros. Nosso trabalho foi, sobretudo, o de garantir o espaço com nossa escuta e o de mediar para que as palavras circulassem entre elas e para que novos sentidos pudessem ser construídos através das associações que surgiam. Várias foram as questões trazidas como estando em íntima relação com o sofrimento psíquico: as dificuldades e conflitos familiares, a violência no território e perda de pessoas queridas, a homofobia e outros preconceitos atrelados a gênero, as preocupações acerca da conclusão do ensino médio e as perspectivas de inserção no mercado de trabalho e/ou no ensino superior.

A fim de realizar uma discussão dos resultados que nos permita verificar a potencialidade das Conversações na narrativização do sofrimento psíquico, trabalharemos com dois eixos: 'os deslocamentos narrativos em torno do sofrimento psíquico' e "sofrimento psíquico, território e violência".

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Deslocamentos Narrativos em Torno do Sofrimento Psíquico

Como trazido anteriormente, cada sujeito fala de si e do outro a partir dos significantes disponíveis no campo social. Os significantes presentes nos discursos dominantes em determinada época fixam sentidos, prendendo o sujeito a significações que impossibilitam o endereçamento ao Outro, o que leva à “dificuldade de reconhecer, ele mesmo, seu sofrimento, sua verdade, seu lugar no laço social e no discurso” (Rosa, 2018, p. 46)

Para Miriam Debieux Rosa (2018), ao debruçar-se sobre a adolescência, o psicanalista deve levar em consideração as ideologias que perpassam o laço social, atentando-se às dimensões do sujeito do inconsciente e o do eu sobre qual recairá o imaginário social, trabalhando nessa articulação entre aquilo que é transmitido pelo laço e a posição que o sujeito ocupa nessa relação.

O laço social tem como seu fundamento a linguagem, através da qual o sujeito se enoda à cultura. Desse modo, o laço pode se instituir como um discurso que sustenta as relações historicamente constituídas. Assim, as Conversações funcionam como um meio para que cada participante possa indagar sua posição no laço, tanto naquilo que lhe concerne de modo singular quanto no que diz respeito aos grupos com os quais tem relações de pertencimento.

Apostando, então, na construção de um lugar que permitisse a circulação da palavra e a expressão dos sujeitos, a fim de produzir o deslocamento de uma posição de identificação silenciadora para uma posição de desejante/falante (Miranda, Vasconcelos & Santiago, 2006), propusemos o uso das Conversações como tecnologia de cuidado dentro do ambiente escolar.

Um dos primeiros resultados a destacar é as referências feitas pelas adolescentes, em muitos momentos, à falta que sentiam de um espaço, pautado em uma relação de confiança, que lhes permitisse falar livremente. As jovens narraram ora situações nas quais os adultos manifestavam desconcerto quando elas expressavam seu mal-estar e, por isso, reagiam de modo a silenciá-las ora situações nas quais os adultos desqualificavam o sofrimento por elas apresentado. Apesar de utilizarem a escrita e a dança como modos de se haver com o sofrimento, a importância de falar sobre aquilo que as inquietava foi um tema recorrente durante os encontros. Duas participantes, inclusive, ressaltaram como um efeito positivo das Conversações o fato de que, a partir desses momentos, começaram a narrativizar o que antes era vivenciado em silêncio.

Nas dificuldades em se fazer escutar, as adolescentes falaram dos desencontros com seus pais. O ideal do pai/mãe que deveriam ser “melhores amigos” era contrariado no cotidiano familiar:

Adolescente 1: Foi nesse dia... eu cheguei em casa, aí eu só tava chorando muito, muito, muito, do nada assim. Aí eu fui abraçar ela (a mãe), ela ficou dizendo que aquilo era...num precisava daquilo. Que eu parecia uma menina que sofria por um monte de coisa, sendo que eu tinha de tudo dentro de casa, que meu pai nunca deixou faltar nada pra mim nem pro meu irmão e não sabia porquê eu era daquele jeito, que eu tinha que deixar de ser assim. Como ela é evangélica, ela disse assim: “Ah. Conversa com deus, vai orar, vai ler a bíblia, vai pra igreja, faz alguma coisa. Isso é coisa da tua mente, Tu fica se ocupando com um monte de coisa, tu fica todo tempo dentro desse teu quarto. Tudo isso te causa coisa ruim”. E tipo, ela

só me colocava pra baixo. (...) E se ela queria que tivesse, se ela quisesse ser minha melhor amiga ela não tinha que agir dessa forma. Entendeu? Aí, quando foi de noite, ela foi contar pro meu pai. Ai meu pai disse assim: “Eu não sei porque essa menina é desse jeito” (...) Pra mim, tem que sempre ser forte toda hora, toda vida ficar bem e não posso demonstrar nenhum tipo de fraqueza pra eles que eles acham que eu sou uma menina super problemática.

Adolescente 2: É difícil de você acreditar que seus pais podem ser seus melhores amigos. Porque eu acredito que melhor amigo, por mais errado que você seja, ele vai aceitar você assim como você é. E o nossos pais não. Se a gente tiver errado, eles vão julgar. Vão julgar muito e isso dói. Se você já é julgado fora e ser julgado dentro de casa, é horrível. Não dá.

Esse desencontro com relação aos pais faz parte do trabalho da adolescência compreendida enquanto operação psíquica na qual se faz presente o luto relativo a posição ocupada na infância perante os pais (Alberti, 2009). Nessa transição, é fundamental que o adolescente possa se deparar com a condição faltante dos seus próprios pais, a fim de que os mesmos sejam desinvestidos como única bússola a partir da qual é possível se orientar no mundo. É com essa ruptura que se inicia a procura por outros modos de se nomear ne se fazer reconhecer no campo social. Na construção de novas referências para si, ou nesse novo giro no processo de constituição psíquica, elementos sociopolíticos entram em cena.

Um ponto a destacar sobre o funcionamento do coletivo das Conversações, foram os laços de amizade que as participantes tinham entre si. Algumas se conheciam antes do grupo e outras foram construindo estabelecendo relações de maior proximidade durante os encontros. Percebemos que as amizades operavam em sentidos. O primeiro de uma rede formada entre elas que criava essa atmosfera de confiança e de abertura de fala. O segundo sentido diz respeito às identificações propiciadas pelas trocas entre elas. Em diversos momentos, as participantes referiram as semelhanças que percebiam entre si como sendo positiva, pois assim sentiam-se menos sozinhas.

Adolescente 2: Só que tu não conhecia o meu jeito...que eu cheguei na escola.

Extensionista: Como foi esse jeito?

Adolescente 2: Eu sou andava de/eu tava andando/ eu vinha toda de preto e eu era grossa com as pessoas (...)

Adolescente 1: Diz pra elas que a gente brigava que só.

Adolescente 2: Eu e a (Adolescente 1) não se dava bem, A gente brigava muito.

Adolescente 4: Quando eu não tinha que segurar uma eu tinha que segurar a outra.

Adolescente 2: (...) quando a gente começou a desabafar e dizer o que realmente tá passando em casa, ou e da nossa vida, a gente começou a dizer “Não. Pra quê criar mais problema?”. Entendeu? E a gente acabou aceitando mais uma a outra. Entendeu? Por causa que *a gente se identificou pelos problemas*.

Respeitamos o surgimento das identificações na narrativização do mal-estar e operamos com o reconhecimento delas durante as Conversações, inclusive por percebermos a função dos laços que tais identificações promovem. Nesta direção, vale destacar que a amizade e a solidariedade funcionam como alternativa ao agravo do sofrimento produzido em uma sociedade na qual o individualismo aliado às ideias neoliberais leva a uma experiência de sofrimento subjetivada enquanto fracasso de si (Safatle, Silva Júnior & Dunker, 2020)

No entanto, procuramos também valorizar o que cada uma trazia como sendo pertencente a sua história, por entender ser o movimento de singularização do que aparecia no coletivo como sendo grupal fundamental para que as

experiências pudessem ser subjetivadas.

Podemos visualizar esse movimento de identificação e de espaço para uma elaboração singular em momentos das Conversações nos quais o luto pela perda do pai de duas adolescentes surgiu:

Adolescente 2: E eu dizia “Nossa. Eu perdi meu pai e isso e isso e isso”. Aí a (nome de uma amiga), “Eu também perdi meu pai. Eu nunca tive meu pai”. E começou a falar um monte de coisa. Poxa! Eu achava que tinha sido só eu.

Adolescente 5: Eu entendo mais o lado dela porque eu também achava que só eu tinha perdido meu pai. Só eu sentia eu sentia aquela dor. E quando eu conheci várias outras pessoas que tinham perdido o pai ou mãe, eu entendi que ela passava pela mesma dor que eu. Então, foi mais fácil de... Sabe?..

Se por um lado, as duas adolescentes se identificam pela dor de ter perdido o pai, por outro lado, cada uma pode, em momentos distintos, narrar suas respectivas experiências de perda e o que a perda significa em suas histórias:

Adolescente 5: Eu perdi meu pai quando eu tinha quinze anos de idade. Eu ia completar meus quinze anos, quando eu perdi meu pai. Ele faleceu no dia das crianças, então isso foi choque de realidade muito forte pra mim porquê, na cabeça, o que meu pai me fazia acreditar era que num castelo – meu pai era muito contador de história, então ele sempre me contava essas coisas pra me sentir melhor- ele falava assim ó “Nesse castelo, só existe eu e você. Então tudo que você precisar, vai ser eu e você”. Entendeu? Quando eu perdi o meu pai, foi a fase que eu mais precisei dele. Porquê eu me descobri lesbica, então, mesmo que ele fosse da igreja, ele ia me apoiar de alguma forma. Entendeu?

Adolescente 4: (...) adiferença entre eu e a (Adolescente 4) é que meu pai não era tão presente na minha vida. Poucas vezes ele tava comigo (...) E mesmo sabendo que ele nunca, ele nunca ficou comigo e com a minha mãe, (...) toda vida que a minha mãe ia atrás dele pra poder ele fazer alguma coisa, ele brigava com ela, batia nela às vezes e, mesmo sabendo de tudo isso, toda vida quando eu saía com o meu pai, eu sentia que ele tava na minha vida sempre. Aí quando ele morreu, a única coisa que fica na minha cabeça foi que eu só, eu só tenho minha mãe... E ele. Se minha mãe morresse? Com quem eu ficaria?

Além do jogo das identificações e diferenças entre elas, os discursos vigentes na atualidade foi uma constante durante as Conversações, as narrativas sobre si trazem consigo os idiomas e as ideologias presentes em nossa cultura. Neste sentido, a forma primeira de referirem-se às manifestações de sofrimento psíquico trazia a marca da medicalização – depressão, ansiedade e pânico foram significantes utilizados. Ademais, apareceram, ao longo dos encontros das Conversações, discussões sobre questões de gênero, assédio, bullying, racismo e violência, questões muito presentes na atualidade.

A nomeação do mal-estar a partir da sujeição ao idioma medicalizante dominante em nossa época é um ponto importante a destacar. Sujeição decorrente dos processos de subjetivação na atualidade nos quais a lógica de uma psiquiatria biológica serve de base para classificar e tratar do mal-estar. Cientes dessa sujeição que atravessa as adolescentes, procuramos nas conversações, acolher o modo como cada uma se referia ao próprio sofrimento, mas novamente manejamos o trabalho a fim de que as associações pudessem ampliar a narrativização do sofrimento, agora articulada a história de cada participante. Vejamos um encontro, onde a palavra “ansiedade” aparece e gera uma cadeia associativa que segue na direção de uma conversa sobre a solidão e a dificuldade em dizer para alguém sobre o mal-estar que as acomete:

Adolescente 4: Antigamente, era uma vez perdida. Agora, é quase todo dia. Eu choro e eu fico sem ar e eu não consigo chamar ninguém [começa a chorar]. Porque... minha mãe tem problema de ansiedade, meu pai tem depressão e eu não quero agregar mais problema pra eles. Então eu prefiro só ficar sozinha e esperar passar.

Adolescente 2: Eu danço.

[Silêncio]

Adolescente 6: Essa questão de ficar sozinha, eu fiquei muito tempo sozinho. Mas por isso que eu... Eu sempre lidei muito bem com as coisas sozinho, tipo de guardar, como ela e tal. Nunca foi uma dificuldade, porque, enfim, eu sempre passei tudo pro papel. Só que quando isso começou a fazer mais o efeito de calmante, comecei a me desesperar. Porque, tipo, eu tinha o papel e eu tinha o cigarro, e aí eu comecei a me acabar no cigarro. E aí foi quando minha mãe descobriu que eu fumava, a gente começou a brigar por mais um motivo e eu comecei a ficar mais, sei lá, mais conturbado na minha mente. Mas eu, tipo, nunca cheguei pra alguém e falei "Ah. Eu não tô bem". Eu sempre fiquei "Ah! Vamos zoar". Eu sempre fui muito de ficar zoando. Mas agora eu tô meio, se eu tô mal, eu vou ficar quieto, vou ficar calado, ninguém perto de mim.

Um outro exemplo para que possamos pensar os atravessamentos dos discursos dominantes em uma época que assujeitam e os movimentos em busca de subjetivar o vivido encontramos nas Conversações em torno do bullying. Essa tem sido uma categoria presente nas discussões sobre a violência no contexto escolar. Os atos que eram tomados antigamente como brincadeira de criança, passaram a ser vistos pela mídia, pela academia e pelas próprias escolas como atos de violência física ou psicológica contra um sujeito percebido como mais fraco ou vulnerável (Coutinho & Osorio, 2015). Na fala das adolescentes, em diversos momentos estiveram presentes relatos de sofrimento causado por situações de bullying, por vezes, tomado, inclusive, como a causa da "depressão".

Uma participante, ao falar da sua experiência com o bullying, trouxe a realidade de não conseguir falar e/ou demonstrar o sofrimento que sentia. Essa realidade de silenciamento diante do sofrimento causado pelo bullying é apontado por Coutinho e Osório (2015) como um reflexo os conflitos vividos na sociedade em geral, em que há, na visão deles, uma "falência social de mecanismos reguladores dos conflitos e das diferenças, o que se faz presente também nas relações dentro escola marcadas pelo silêncio e pelo enclausuramento do gesto e da palavra" (Coutinho & Osório, 2015, p. 223). Sem deslegitimar, o que foi vivido e significado como experiência de violência, tentamos movimentar as Conversações no sentido de refletir com elas o que as mantinha em silêncio, bem como os outros elementos presentes nas situações de sofrimento psíquico relatadas.

Em um dos encontros, uma das participantes trouxe um texto de sua autoria em que abordava o bullying entrelaçando a temática com discussões raciais e de orientação sexual, através do qual refletia sobre esse silenciamento diante do sofrimento, através de uma convocação para que todas se responsabilizassem por aquilo que causa exclusão e deslegitimação de realidades, ou seja, pela dimensão sociopolítica do sofrimento psíquica.

Extensionista: Leia o texto que você escreveu (para Adolescente 1)

Adolescente 1: Como é que a gente pode falar sobre inclusão se a única inclusão que as pessoas querem entender é a inclusão do que elas pensam? Se uma pessoa não pensa ou age como eu, essa pessoa tá errada, logo ela deve ser excluída. Mas o que que é certo? Certo é uma pessoa branca, socialmente, de olhos brancos? Ou um hétero? Que mundinho sem graça. Quando alguém sofre uma violência, a

responsabilidade também é nossa. Tem gente que presencia preconceito e se cala, achando que não é da sua conta. Tá errada! Tudo que afeta o nosso mundo e os seres humanos é da nossa conta sim! E quem cala, consente.”

Vozes ao fundo: “arrasou”, som de palmas

Seja no âmbito da nomeação do mal-estar que as acomete de modo singular seja na discussão acerca das experiências que as atravessam enquanto coletivo, percebemos que a linguagem da época é aquela com a qual se conta para compartilhar pensamentos e afetos. No entanto, afirmamos como sendo fundamental o movimento de abrir o campo discursivo para a construção de associações e saberes que permitam a subjetivação do vivido.

SOFRIMENTO PSÍQUICO, TERRITÓRIO E VIOLÊNCIA

Rosa (2018) nos apresenta em seu livro *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento* a noção de sofrimento sociopolítico como uma dimensão que escancara a inseparabilidade entre os campos social, clínico e político, afirmando que subjetividades são produções históricas, atravessadas pelos modos de gestão da vida econômica, social, territorial, entre outras. Desse modo, os embates sociais e políticos vão impactar diretamente nos modos como os sujeitos são enredados nos discursos vigentes e se são ou não autorizados enquanto sujeitos falantes/desejantes.

A psicanálise, ao levar em conta certas problemáticas como o racismo, a exclusão social, o extermínio das juventudes e outros atravessamentos de classe e gênero, é convocada a pensar nos conflitos que surgem do laço social e que tendem a ser invisibilizados pela culpabilização e criminalização dos sujeitos. A exemplo disso, figuras como a do “envolvido”, “favelado”, “infrator” surgem em discursos esvaziados de história, dos nomes e das vozes dos atores sociais. Figuras discursivas fixadas no lugar da “violência”, um fenômeno engendrado em conflitos que são silenciados aos serem interpretados por um viés individualizador.

Nas conversações realizadas na escola, fomos confrontadas a todo momento com a dimensão sociopolítica do sofrimento psíquico. As participantes habitam uma zona periférica marcada tanto por processos de exclusão social quanto pelo medo permanente de perder a vida ou sofrer uma violência em decorrência da disputa entre facções ou dessas com os aparatos coercitivos do estado. Além do mais, as adolescentes pertencem a um território estigmatizado, reconhecido na cidade por adjetivos depreciativos como “violento” e “perigoso”. O pertencimento a um território marcado pela exclusão social, pela estigmatização e pelo genocídio de jovens esteve muito presente nas falas das integrantes de diversos modos. Recortamos um trecho de uma das Conversações em que uma das jovens, referindo-se à violência que dizima corpos semelhantes aos seu, reflete “imagina se fosse eu” e expressa no grupo a angústia que essa realidade produz em sua vida:

Extensionista: várias formas aí de violência né. [...] Mas voltando né pra essa coisa assim dessas mortes tão presentes aqui no bairro. Como isso afeta a vida de vocês?

Adolescente 2: eu fico com isso na cabeça, me sentindo mal, porque por mais que eu não conheça a pessoa, eu fico “ela é um ser humano”, *imagina se fosse eu*, se uma pessoa chegasse e me agredisse porque eu gosto de algo que ela não gosta, aí eu me sinto péssima.

A proposição das conversações como um dispositivo narrativo clínico-político, aposta na importância de falar sobre a violência tanto para subjetivar o vivido em seus cotidianos como para promover reflexões acerca da

possibilidade de tecer resistência coletivamente. Para tanto, é necessário que a escuta realizada nas conversações produza o tensionamento das estruturas que produzem exclusão, sofrimento, humilhação e outras violências, bem como leve o analista a refletir sobre seu lugar nesse processo, inclusive, com suas resistências de classe. A perspectiva é, através de uma escuta implicada e interessada, construir *com* esses sujeitos vulnerabilizados reposicionamentos que são simultaneamente subjetivos e coletivos.

Nessa encruzilhada, opera -se tanto a partir das incidências desses efeitos sociais no sujeito quanto do reconhecimento das estratégias políticas que o tiram da posição de desejante e, portanto, de sujeito: "(...) o psicanalista escuta o sujeito quando não o confunde com o modo, muitas vezes degradado, no qual ele é apresentado no laço social." (Rosa, 2018, p. 364).

Essas figuras colocadas na conta de "possíveis envolvidos", de "favelados", e habitantes de "territórios perigosos" enfrentam além do desamparo social traduzido na ausência de recursos materiais de acesso às redes de cuidado o que Pujó (2000) chama de desamparo discursivo e que é recuperado nas palavras de Rosa (2002) como uma "fragilização das estruturas discursivas que suportam o vínculo social" (p.02) já que esses jovens não contam com discursos que os protejam e menos ainda com espaços de elaboração. Como apontaram as adolescentes durante as Conversações, faltam espaços nos quais elas possam falar abertamente.

O trabalho caminhou a partir do desejo de compor enlaçamentos para essas palavras que estão à deriva, submetidas a processos de silenciamento e de degradação, a fim de que as jovens tecessem narrativas que as reposicionassem, criando também vínculos que favorecessem o enfrentamento dessas violências. Durante as Conversações, foram muitos os momentos onde as perdas de familiares, assassinatos de colegas, amigos ou mesmo as relações de medo e conflito foram trazidas pelas jovens, convocando-nos a pensar nas diferentes dimensões ético-políticas da escuta em espaços onde a violência incide.

Durante nossa permanência e em um curto espaço de tempo (aproximadamente 2 meses), as adolescentes que participavam das Conversações perderam três colegas em decorrência da violência. As perdas sucessivas nos fizeram, em parceria com a escola e com uma instituição que atua no território no enfrentamento ao genocídio dos jovens, realizar um momento aberto para outros adolescentes da escola no qual foi possível falar sobre essas perdas e realizar um ato em homenagem aos que haviam morrido. O ato envolveu a construção de lambes que foram colados em um muro na frente da escola.

Nesse sentido, o grupo de Conversações operou também em um lugar de agenciador de uma dupla resistência: em primeiro lugar, resistência aos processos de dessubjetivação que envolvem o silêncio em torno dessas mortes e, em segundo lugar, uma resistência coletiva ao genocídio de jovens periféricos. Resgatar a memória dos jovens mortos é afirmar publicamente que as vidas dos que se foram são passíveis de luto e as vidas dos adolescentes que sobrevivem em um contexto de precariedade, violação de direitos e violência. Nessa direção, recuperamos um trecho de uma poesia escrita e recitada por uma jovem, durante esse ato pela vida das juventudes:

Moleque do bem sonhador, sonhava em ser professor
Moleque do bem sonhador, sonhava em ser professor
Pra mudar esse terror e dar boa educação
A cada morador
Pois só a educação pode acabar com a criminalização
E mudar esse mundão

Que muitos dizem não ter jeito não
Seus sonhos foram interrompidos
Por algo que eu queria ter impedido
Tudo já era tarde demais
Seu corpo foi velado algumas horas atrás
Uma coisa que eu tenho a dizer,
É que ontem,
Hoje
E sempre
Ele vai estar presente em nossa memória
(Ato pela Vida da Juventude 2019, 2020)

Destacamos que o trabalho aqui relatado foi realizado no segundo semestre de 2019. Como a pandemia, o número de jovens mortos em decorrência da violência aumentaria significativamente no Estado. Segundo a Nota Técnica 01/2021 do Comitê de Prevenção e Combate à Violência, em 2020, foram registradas as mortes de 667 adolescentes (10 a 19 anos) no Ceará. Número que corresponde a um acréscimo de 90,7% em relação as 355 mortes registradas em 2019. Mais de 12 adolescentes, em média, morreram a cada semana do ano.

Essas mortes devem podem ser melhor analisadas a partir do conceito de necropolítica, proposto por Achille Mbembe (2016). O autor pensa a necropolítica como uma autorização não assumida para que o Estado mate a fim de garantir a ordem. O conceito é pensado através da articulação da biopolítica com a lógica do estado de exceção e do estado de sítio. Os corpos “matáveis” são os que ocupam a periferia do capitalismo. Corpos negros, indígenas, de jovens pobres são alguns dos alvos principais da necropolítica. Como uma lógica de gestão da vida, além da morte propriamente dita, a necropolítica opera com estratégias de inviabilização de vidas e de mortificação.

Além de se materializar nos homicídios da juventude periférica, a necropolítica associa-se a produção de desamparo, de silenciamento e de naturalização das violências infligidas a esses corpos marcados pela insígnia da morte. Aliado a isso, temos os investimentos em estratégias e políticas de segurança pública orientadas pela “guerra às drogas”, centradas no policiamento militarizado e na criminalização e encarceramento das juventudes pretas e pobres, eleitas como descartáveis.

Segundo Rodrigues (2008), a proibição e a falaciosa “guerra às drogas” se traduz no extermínio de determinadas populações e na constituição dos “confinamentos ampliados” (p.102), através dos quais, alguns territórios passam a funcionar como uma espécie de prisão para seus habitantes. Fica evidente que inúmeras estratégias contribuem para a gestão da morte desses jovens sendo o proibicionismo mais uma das ferramentas de “controle social e perseguição seletiva” (p.102). O território como confinamento apareceu nas Conversações:

Extensionista: Como é essa história, assim, da violência aqui no bairro? É uma coisa que afeta vocês?

Adolescente 2: É. Porque a gente não pode nem sair direito pra algum lugar...

Adolescente 1: É verdade.

Adolescente 2 ...que a gente corre o risco de apanhar no meio da rua, de morrer.

Nas falas das jovens, a violência e a relação com o mercado das drogas se materializam no entrecruzamento do medo constante produzido pela ocupação dos territórios pelas facções, na incidência dos impactos da violência policial e nas desigualdades sociais enfrentadas por elas no cotidiano. Seja na figura do traficante, do faccionado ou

do envolvido existe uma relação direta entre esse mercado e o temor pelas vidas delas e de seus amigos:

Adolescente 5: [...] a gente fica tipo “a gente mora aqui na rua, cara”. É muito ruim, muito ruim mesmo, você não poder andar na sua própria área e você não se sentir segura pelo medo deles te compararem com uma pessoa e... você vai e morre... Porque isso aconteceu com um amigo meu, ele tava andando perto da casa dele, chegando já, e o cara perguntou assim “ei, tu é J?”, aí ele olhou assim e disse “não, não sou o J”, “pois tira o teu chapéu”. Aí ele tirou, assim, “não sou o J, cara”, “pois deixa eu ver o teu celular então, aí eu quero ver”. “Ah, então tu não é J não, mas tu ia morrer agora se eu não perguntasse quem era tu”. Tipo... qual a necessidade? As regras estão aí e nenhuma são “de cum força”, e nunca vai nos proteger, a gente nunca vai se sentir segura.

As conversações permitiram que as adolescentes escutassem umas às outras e pudessem, principalmente, ouvir a si mesmas, em busca de saídas para o sofrimento em sua dimensão sociopolítico e através da construção de uma rede de cuidado entre elas. Elas puderam narrar suas histórias e dar um novo lugar para o vivido. No último encontro, as jovens puderam analisar a experiência de participar dos encontros:

Extensionista: A ideia é que a gente pudesse falar hoje principalmente sobre o que foi essa experiência do grupo, o que foi possível, assim, construir né, a partir desses encontros da gente.

[Vozes sobrepostas]

Adolescente 2: Pra mim foi muito importante porque eu consegui falar mais, consegui falar mais sobre o que eu sentia principalmente quando eu tô em momentos de crise, consegui falar mais pras pessoas poderem me ajudar mais então acho que foi muito bom pra mim nessa parte e também porque eu fiquei mais próxima das meninas. Por mais que a gente não se fale todos os dias a gente já tem um carinho mais bonito que a gente não tinha antes. E é bem importante porque eu também aprendi a ouvir e aprendi a ver também os outros problemas. Não só meu como o maior e nem o meu como menor; e sim, entender que todos passam por problemas quase idênticos e que nós podemos nos ajudar que é um entendimento também muito importante e eu nunca vou esquecer [...].

Desse modo, as Conversações se mostraram potentes em reduzir o sentimento de solidão e em operar como uma política de narrativização, através da qual relações de solidariedade são fomentadas. Tais relações podem ser compreendidas como resistência aos efeitos do individualismo exacerbado na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos uma experiência de pesquisa-intervenção com adolescentes de uma escola de ensino médio pertencente a rede pública de Fortaleza, a fim de refletir sobre o posicionamento ético-político das Conversações enquanto uma metodologia que visa instituir um espaço de fala, através do qual os envolvidos podem refletir acerca do seu posicionamento no laço social e do mal-estar nele presente.

Como o trabalho realizado nos aponta, as adolescentes falam sobre si e sobre os impasses que experimentam na relação com os outros a partir dos significantes disponíveis em sua época, sobretudo, aqueles presentes em discursos investidos de poder na atualidade. Desse modo, a fala das jovens é atravessada tanto pela nosologia da psiquiatria biológica dos transtornos quanto pelos discursos que representam causas identitárias ou outras formas de engajamento que são valorizadas socialmente como o ato de posicionar-se contra o *bullying* ou contra a homofobia.

Através das Conversações, acolhemos os discursos primeiros, mas nos dirigimos sobretudo para a elaboração de outras narrativas com as adolescentes acerca do seu mal-estar. Foi assim que fragmentos de suas histórias de vida singulares foram retomadas, bem como seus pertencimentos a um mesmo território, marcado pela exclusão social, violência e estigmatização.

A possibilidade de contar, ou pelo menos, contar de outro modo no coletivo das Conversações foi analisada pelas adolescentes como o principal ponto positivo da experiência. Observamos ainda que o tensionamento entre aquilo que é compartilhado e o que é singular, cria um espaço fértil para amenizar os efeitos agudizadores do individualismo exacerbado, por um lado, mas guarda espaço para a responsabilidade de cada uma por aquilo que construirá a partir de sua própria história.

O dispositivo das Conversações se revelou, a partir da experiência relatada, como sendo de grande potência na pesquisa-intervenção com jovens, sobretudo no atual cenário, onde a demanda crescente por cuidado em saúde mental nos leva ao desafio de capilarizar a oferta, indo além dos equipamentos de saúde, através de alianças com outros espaços comunitários.

REFERÊNCIAS

- Alberti, S. (2009). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/Contra Capa.
- Costa, R. (2020, Fevereiro 20). Ato Pela Vida Das Juventudes 2019. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=i_G2WwD_RMg
- Coutinho, L. G. (2013). A palavra e o laço social entre adolescentes na Escola. Uberlândia: *Interações*, (edição especial), 26, 2015-228.
- Coutinho, L. G. , & Osorio, B. (2015). *Conversações com adolescentes na escola: bullying ou mal estar nas relações?* Juiz de Fora: Educ. Foco, 1 (20), 205-228.
- Cunha, C. F. & LIMA, N. L. (2013) A escuta de adolescentes na escola: A sexualidade como um sintoma escolar. São Paulo: *Estilos da clínica*, 18 (3), 508-517.
- Dunker, C. (2015). *Mal-estar, Sofrimento e Sintoma*. São Paulo: Boitempo.
- Klatau, P. (2017) O método psicanalítico e suas extensões: escutando jovens em situação de vulnerabilidade social. São Paulo: *Rev. latino am. Psicopatol. fundam.* 20 (1), pp. 113-127.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. São Paulo: N – 1 edições.
- Mesquita, M. R. (2014). *Um Espaço de Conversação com Adolescentes Agressivos no Espaço Escolar: O que eles dizem?* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais,

MG, Brasil.

Miller, J. A. (2003) *La pareja y el amor: conversaciones clínicas con Jacques-Alain Miller en Barcelona*. Buenos Aires: Paidós.

Miranda, M., P., Vasconcelos, R. N., & Santiago, A. L. B. (2006). *Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa*. Anais do Colóquio do Laboratório Inter-unidades de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância (LEPSI), São Paulo, Brasil, 6.

Neves, L. R. (2014) *Teatro-conversação na escola: O uso do Teatro na Conversação como mediador de conflitos na Educação*. Tese de doutorado. Dissertação de Mestrado. Repositório Institucional da UFMG.

Comitê de Prevenção e Combate à Violência Cada Vida Importa e da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Nota Técnica 01/2021 (2021). Recuperado de <https://cadavidaimporta.com.br/wp>.

Pujó, M. (2000). *Trauma e desamparo*. Psicoanálisis y el hospital, Clínica del Desamparo. Buenos Aires: Ediciones Del Seminario, 17, 20-29.

Rodrigues, T. (2008). Tráfico, guerra, proibição. In: Labate, B. C.; Goulart, S. L.; Fiore, M; MacRae, E. & Carneiro, H. (Orgs.), *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, pp. 91-104.

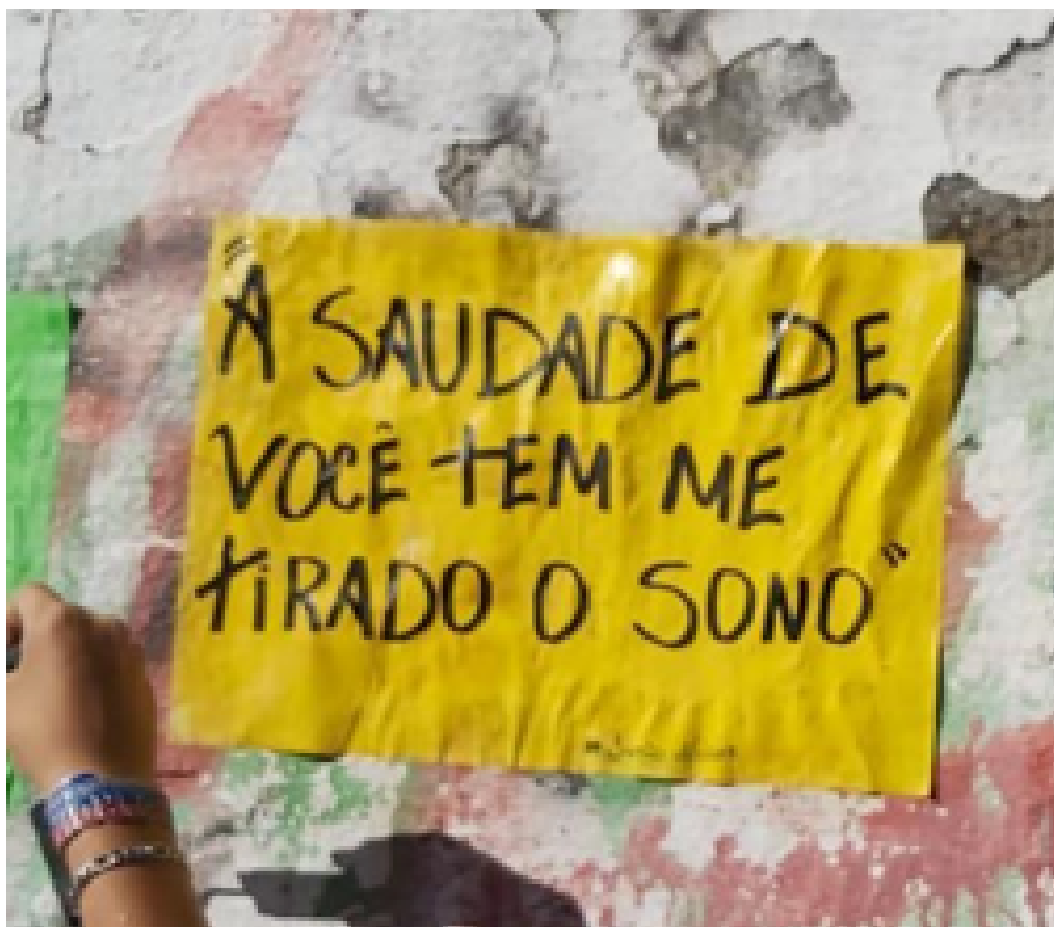
Rosa, M. D. (2018). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp.

Rosa, M. D. (2002). *Uma escuta psicanalítica das vidas secas*. Revista Textura, 2 (2), 42-47.

Safatle, V.; Silva Júnior, N.; Dunker, C. (2020). *Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento Psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica.

Lista de Anexos

Figura 1 - Colagem de lambe feita durante o ato, em dezembro de 2019



Fonte: Autores